



LAMBADÃO: MÚSICA POPULAR URBANA, DOMINGUEIRA NO BAR E LAZER NA PERIFERIA DE CUIABÁ¹

Sandra Maria Souza Rosa²

Yuji Gushiken³

Resumo

O presente artigo descreve e analisa o consumo musical como forma de lazer na periferia cuiabana no formato das “domingueiras dançantes”. Apresenta o gênero musical do lambadão como um atrativo de um bar e como opção de lazer que passa a fazer parte do cotidiano das periferias. Para tanto, as hibridações culturais, de Nestor Garcia Canclini, e a folkcomunicação, de Luiz Beltrão, norteiam a compreensão das atitudes dos públicos marginalizados urbanos que criam suas próprias manifestações culturais que reinventam nas periferias seus ritos de vinculação social. A pesquisa foi desenvolvida a partir de entrevista qualitativa em profundidade, além de estudos bibliográficos, registros fotográficos e da observação em campo.

Palavras-chave: Folkcomunicação; lambadão; periferia; bar; Cuiabá.

Introdução

A ideia de periferia, numa cidade de médio porte, por volta da década de 1960, ainda não se fazia presente quando se discutia a cidade. Até cerca de 1970, na cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso, os lazeres se resumiam muito enfaticamente na área central da cidade, onde historicamente se situavam o comércio de bens e serviços e equipamentos públicos de circulação de pessoas, como clubes sociais e praças. Nos dias de hoje, com o crescimento populacional e o redimensionamento do perímetro urbano, a economia se desdobra para além da região central. No avanço dos contornos urbano do município, instalam-se simultaneamente a reinvenção da cidade e as experiências urbanas.

¹ Artigo apresentado no GT 2 : Morfologia da Folkcomunicação: Gêneros e Formatos, da XVII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Cuiabá), em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, de 10 a 12 de junho de 2015.

Trabalho produzido no âmbito do Projeto de Pesquisa “Modernização tecnológica e midiática: Imagens da cidade e demandas do cosmopolitismo” (Propeq-UFMT), no Núcleo de Estudos do Contemporâneo (NEC-UFMT) e na Linha de Pesquisa em Comunicação e Mediações Culturais do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT).

² Radialista e mestrandia no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT/Cuiabá). E-mail: sandrasmrosa@gmail.com.

³ Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação (M/D) em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT/Cuiabá). E-mail: yug@uol.com.br.



A população das classes trabalhadoras, ao povoar os bairros construídos nas últimas duas décadas, passou a enfrentar suas experiências do viver a cidade adaptando-se às condições geográficas: usa motocicletas ou compra carros populares (na ausência de um transporte público eficiente), remodela as casas populares aos poucos (comprando material de construção a prazo ou com financiamento bancário) e reinventa modos de lazer e socialidade, em especial aos domingos, na medida em que as práticas sociais de consumo permitem aos habitantes do bairro periférico produzir espaços de lazer na própria região.

Nesta condição histórica, busca-se, neste artigo, descrever e analisar práticas de consumo musical como elemento constituinte do lazer na periferia de Cuiabá. Para tanto, foi escolhido um bar denominado “Aladim”, que se localiza na região sul da cidade, no bairro Jardim Industriário II.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi aplicada uma entrevista qualitativa em profundidade com o proprietário do bar para obter informações sobre o estabelecimento. Foram realizados estudos bibliográficos, e a partir da observação em campo, verificou-se quais foram os estilos musicais tocados no bar. Foram realizados registros fotográficos do local e de seus frequentadores.

Bar: Rituais da comunicação e lazer na periferia

Em Cuiabá, existem diferentes maneiras de expressão da cultura e do lazer vivenciadas tanto nas áreas centrais quanto nas periféricas. Na periferia, o lazer em geral é proporcionado por empresas privadas e, em raras ocasiões, pelos governos municipais. Festas religiosas tradicionais na cidade – como as de São Benedito, São Gonçalo, Nossa Senhora Aparecida – são eventos de concentração popular e também espaço de lazer para pessoas de diferentes classes sociais. O cotidiano experimentado pelas diversas classes sociais é bem distinto. Essas experiências podem ser compartilhadas e vivenciadas em coletividade. Segundo Maffesoli (1995, p. 71) que completa a afirmativa:

(...) o estilo cotidiano pode em certas épocas, dar forma e figura ao conjunto da sociedade. Ele não dita como é conveniente se comportar e porque se deve ou não fazer isso ou aquilo, contentando-se em favorecer, ou mesmo em tolerar o uso dos prazeres, sejam eles quais forem, dos mais anódinos aos mais perversos, como condição de possibilidade de um estar-junto equilibrado. Trata-se, então de uma utopia em minúsculas, que sabe que o desabrochar de cada um, no próprio seio do cotidiano, só pode valorizar o bem estar coletivo.



Nesse contexto, essas ações culturais são realizadas ao longo do ano. Entre uma festa e outra existem opções de lazer que não estão atreladas a datas, mas são distribuídas aleatoriamente pelo espaço urbano e em geral localizadas nas periferias da cidade, como os bares que acabam se tornando também uma forma de lazer. Eles podem ser considerados como “válvula de escape” para seus frequentadores, seja durante a semana depois do expediente com os colegas de trabalho ou no final de semana para usufruir os momentos de lazer com os amigos e familiares.

Bares são considerados aqui de forma genérica, tanto para aqueles localizados nas periferias quanto nos bairros centrais. Percebe-se que existem diferenças entre os bares periféricos e os centralizados, a começar pela localização que influencia quase que diretamente o público, e em como a visualidade, que também se relaciona com a localização.

Os bares periféricos parecem semelhantes em relação ao espaço de localização e a visualidade, mas se diferenciam em alguns atrativos. Ao percorrer um bairro periférico pode ser observado que alguns bares são localizados nas esquinas das quadras ou nas avenidas principais, onde há a chance de maior movimento, podendo também se localizar bem próximos uns dos outros, um de cada lado da rua, um na direita e outro na esquerda, na mesma esquina.

Outra semelhança é quanto à visualidade desses bares: em geral, todos disponibilizam jogos de mesa com cadeiras de plástico de diversas cores, quase sempre amarelo-ouro com a marca de uma determinada cerveja. É recorrente haver cartazes com propaganda que anunciam os produtos, em geral bebidas de várias marcas, de cerveja ou refrigerante, e preços anotados com caneta. Podem-se encontrar também cartazes de recarga e venda de chips de celulares, que agora disputam espaço com cartazes de bebidas.

Já nos bares dos bairros centrais, os móveis tendem a ser de madeira, e propagandas de cervejas e refrigerantes não ficam enfaticamente expostas nas paredes. A localização desses bares é em geral próxima de avenidas movimentadas de grande fluxo de veículos e também de comércios.



O que diferencia os bares são os atrativos que eles oferecem tanto nos periféricos como nos centralizados. No centro da cidade é possível encontrar bares que só tocam determinados estilos musicais, como o rock e sertanejo, e também podem-se encontrar os que oferecem alimentos diferenciados, como comida mexicana. Nas periferias, os atrativos são outros, tais como: jogos de sinuca (bilhar), música ao vivo, música eletrônica, televisores ou telões sintonizados em canais esportivos pagos etc. Sendo assim, cada um possui a sua peculiaridade.

Do ponto de vista conceitual, para Eunice Durham (2004), “a periferia é formada pelos bairros mais distantes, mais pobres, menos servidos por transporte e serviços públicos”, onde grande parte dos moradores pertence à classe baixa. Em Cuiabá, essa periferia pode ser encontrada nas diferentes regionais que compõe a cidade, conforme o Perfil Sócioeconômico de Cuiabá (2007). “Em 1994, a Lei nº 3262/94 criou as administrações regionais. A Macrozona Urbana de Cuiabá foi dividida em quatro regiões Administrativas”.

A Regional Norte é formada por vários bairros e entre eles estão todo o CPA, Jardim Vitória, Morada do Ouro, Morada da Serra entre outros. Já a Regional Oeste é composta pelos bairros Centro Norte, Centro Sul, Cidade Alta, Jardim Cuiabá, Goiabeiras entre outros. A Regional Leste engloba os bairros Jardim das Américas, Jardim Itália, Lixeira, Dom Aquino, Praeiro entre outros. Enquanto a Regional Sul é formada pelos bairros Coxipó, Nossa Senhora Aparecida, Tijucal, Osmar Cabral, Jardim Industriário, Nova Esperança, Pedra 90 e outros.

A região Sul de Cuiabá é mais conhecida, na cidade, pela designação de “saída para São Paulo”, por onde passa a rodovia que liga o município ao sul de Mato Grosso e de lá para as regiões Sul, Sudeste e outros estados do país. Ao mesmo tempo, a região tem bairros projetados para implantação de indústrias e outros que funcionariam, ao menos em hipótese, como bairros dormitórios.

Na região Sul do município de Cuiabá, o bairro Jardim Industriário tem esse nome por estar próximo ao Distrito Industrial. Assim, o Jardim Industriário seria uma espécie de bairro-dormitório para os trabalhadores da indústria ainda incipiente ali instalada. Este é um bairro de trabalhadores, numa cidade que ainda mal conhece a experiência da



industrialização e vive enfaticamente de agropecuária e comércio de produtos e serviços. Os moradores do bairro são de classe média baixa e têm como oferta escolar para seus filhos a Escola Municipal de Ensino Básico Ana Tereza Arcos Klause.

Os bares periféricos permitem que os frequentadores se socializem, reinventando cotidianamente momentos de lazer, nos quais as emoções são partilhadas em um ideal comunitário. Isso faz com que os frequentadores se sintam participantes de seus ritos e concretizem as práticas sociais como uma forma de “comunicação ritual” criando vínculos entre os integrantes da comunidade. Carey (1992) apud Gushiken (2008, p. 04) reforça esse conceito:

(...) a comunicação como ritual – concebida, portanto, numa abordagem cultural – é considerada “arcaica” por resistir à força dos processos de modernização ao longo do século XX. A visão ritualística da comunicação liga-se a termos correlatos como “compartilhamento” (*sharing*), “participação” (*participation*), “associação” (*association*), “camaradagem” (*fellowship*) e “detenção de uma fê comum” (*the possession of a common faith*). Explora a “identidade” (*identity*) e “as raízes comum” (*common roots*), com base em termos e noções afins como “comum, ordinário” (*commonness*), “comunhão” (*communion*), “comunidade” (*community*) e “comunicação” (*communication*).

Assim a comunicação se estabelece pelo fato de os frequentadores estarem vinculados por meio do bar fazendo com que eles se sintam iguais e em correspondência uns com os outros. É na periferia das cidades onde se registra o surgimento de novos gêneros musicais que vão se transformando constantemente e atraindo um grande público. É comum afirmar que a elite (hegemônica) prefere manifestações culturais que tragam distinção social, enquanto e os indivíduos da classe baixa (subalterna), as manifestações de apelo mais popular.

Nesse contexto, o lambadão vai ocupando um lugar no espaço popular massivo, em que a massa produz suas próprias experiências poéticas no cotidiano. Dessa maneira, o lambadão passa a integrar uma nova indústria do entretenimento popular. O antropólogo Hermano Viana⁴ “lembra que indústrias de entretenimento popular já produzem os maiores

⁴ Informação obtida em entrevista cedida pelo antropólogo Hermano Viana, Revista RAIZ. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/2007/01/02/manifesto-de-hermano-entrevista-com-hermano-vianna/>. Acesso em: 23 mar. 2015.



sucessos musicais das ruas de todo o país sem mais depender de grandes gravadoras e grandes mídias para construir sua rede de difusão nacional”.

A anotação mais recente de Hermano Viana, a partir do campo da Antropologia Urbana, dialoga com a afirmação de Luiz Beltrão (1980, p. 24) que define a folkcomunicação “como o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta e indiretamente ligados ao folclore”.

A relação entre cultura e classes sociais sugere pautar discursões sobre enfrentamentos e intercâmbios. Quanto aos enfrentamentos, Martin-Barbero (2003, p.120) diz que: “Uma classe se afirma negando a outra sua existência na cultura, desvalorizando pura e simplesmente qualquer outra estética, isto é, qualquer outra *sensibilidadade*, que é o que em grego quer dizer estética”.

Já em relação aos intercâmbios, nem mesmo a situação conflituosa entre as culturas erudita e popular impede o seu acontecimento, Martin-Barbero (2003, p. 101) diz que:

“Por vezes inclusive os [intercâmbios] estimulam, uma vez que, ao aproximar muito de perto, ‘corpo a corpo’, as culturas enfrentadas, eles as expõem. Com o tempo a oposição vai dando lugar a um diálogo feito ‘de pressões e repressões, de empréstimos e resistência.’”

A cultura hegemônica (erudita) pode ser aprendida na academia e ganha o status de “arte”, sendo direcionada para um público específico. O olhar sobre a cultura erudita, portanto, acontece de maneira diferenciada. Já a cultura popular (em sua condição subalterna), por sua vez, é aquela que emerge do cotidiano e das práticas populares. Entre essas duas culturas existe a cultura híbrida, que sugere a realização consumada de uma permuta entre as culturas “nobre” e “popular”. Em relação à cultura híbrida, Canclini (2003, p. XIX) define hibridação como: “(...) processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Quanto às culturas híbridas, também podemos entendê-las como cultura de fronteira, de modo que conclui-se que todas as artes são desenvolvidas em relação a outras,



migrando de seu território original e ganhando novos, além de ganhar em comunicação e conhecimento (CANCLINI, 2003, p. 348).

O lambadão é uma manifestação cultural em sua caracterização como processo constituinte da cultura contemporânea produzida em Mato Grosso. Aos olhos moralistas do senso comum, o lambadão tende a ser considerado como algo “vulgar”, por não ser advindo dos setores de elite econômica ou cultural. Todavia, o lambadão também não pode ser considerado como algo simplesmente folclórico, uma vez que suas origens não são precisamente dos setores tradicionais. Nesse limiar entre a cultura hegemônica e a cultura subalterna, o lambadão pode se enquadrar na situação de cultura de fronteira, já que surgiu da mistura de outras manifestações musicais.

Assim, a mistura de três ritmos musicais populares – axé music (produzida na Bahia), lambada e carimbó (ambos populares no Pará) – foi o ponto de partida para a criação do gênero musical hoje conhecido na Grande Cuiabá e seu entorno de influência geográfica como lambadão. Este, por ter forte apelo de consumo popular em Cuiabá e na região da Baixada Cuiabana, é difundido de forma intensa e vem se firmando como experiência cultural urbana.

Esta experiência nem sempre é reconhecida pelos meios de comunicação local, que muitas vezes lançam um olhar de estranhamento sobre as manifestações culturais inventadas entre o popular e o massivo. Desse modo, essas expressões são eventualmente rotuladas como “música do povão”. A própria comercialização dos CDs e DVDs desse gênero não é feita de forma convencional, por meio de lojas especializadas em música ou no comércio formal. O comércio de CDs desse gênero musical ocorre de maneira informal, em feiras populares, nos bairros da periferia, nos camelôs, ou ainda durante apresentações musicais das bandas.

O contato entre artistas desse estilo e o público se dá de forma mais próxima, pois os grupos se apresentam geralmente em bairros periféricos e o valor da entrada dos shows é acessível ou às vezes gratuita, esses fatos tornam o acesso mais facilitado. Os espaços de circulação e consumo desse gênero musical são, entre outros, os bares, que em geral se encontram próximos à moradia dos indivíduos de baixa renda, não necessitando de grandes deslocamentos na cidade para diversão, o que reforça ainda mais esta proximidade. Desta



forma, os bares preenchem a necessidade de convívio comunitário e se transformam num espaço de lazer atraindo muitos frequentadores.

Domingueira dançante: Lazer e consumo musical em bar na periferia

No mês de abril do ano de 2008 foi inaugurado o bar Aladim, que se localiza ao final da rua 05 no bairro Jardim Industriário II. O funcionamento do bar ocorre quase todos os dias da semana, exceto segunda-feira, e é aberto das 14 horas às 22 horas. Aos finais de semana, o horário de abertura é diferenciado, ocorre às 9 horas, porém o horário de fechamento continua o mesmo, às 22 horas. Trata-se de um comércio simples, seu interior é composto por um espaço de atendimento aos clientes com geladeiras e freezers, algumas guloseimas e salgadinhos industrializados, também ficam disponíveis salgados fritos e assados em uma estufa em cima do balcão, além de cervejas e refrigerantes. Fora desse local tinha um salão de dança pequeno com alguns jogos de mesas e cadeiras ao seu redor.

No início o bar não possuía nenhum atrativo musical, mas no ano de 2009 isso mudou. Uma banda foi contratada para tocar os mais diversos gêneros musicais nas tardes de domingo, com apresentação que se seguia até à noite. A partir daquele ano originou-se a Domingueira Dançante, que passou a atrair muitos frequentadores. Com esta oferta de lazer, a calmaria daquela rua foi transformada com o fluxo de clientes, e passou a dar lugar ao barulho da música e ao trânsito de carros e pessoas que se dirigiam ao recinto. O espaço público virou uma extensão do bar com mesas e cadeiras.

A música ao vivo contribuiu com o aumento de frequentadores a cada domingo e com isso alguns vizinhos do local foram chamados para trabalhar no bar em dia de evento, pois o movimento era grande e os funcionários não conseguiram absorver a demanda. Muitos moradores do bairro se dirigem ao bar após o seu horário de trabalho, por volta das 18 horas, para consumir cerveja e outros tipos de bebida. O dia de maior movimento é domingo, quando há música ao vivo com a banda Os Baileiros, composta por três rapazes que tocam principalmente música sertaneja, xote e lambadão: três gêneros musicais populares de grande aceitação e consumo na Grade Cuiabá.



A partir das 16h30, o rapaz responsável pelo sistema de áudio já começa a arrumar os equipamentos, conectar os cabos dos instrumentos na mesa de som e organizar as caixas de som. Depois os músicos testam os instrumentos para que em alguns minutos possam cantar e dar início ao baile.

Os frequentadores do bar vão chegando, sentam-se e conversam entre eles mesmos, enquanto aguardam a banda começar a tocar. Entre homens e mulheres, que costumam ir ao bar, encontram-se também crianças acompanhadas. Indícios de um bar familiar, típico de comunidades em bairros periféricos. Por volta das 17 horas tem início o bailão, como os frequentadores costumam chamar a sessão musical aos domingos. A banda começa a tocar músicas no estilo sertanejo, do tipo arrasta-pé. No momento em que tem início a música no bar, o salão está vazio, com poucos clientes.

Por volta das 19 horas, o ambiente fica mais movimentado. Os músicos tocam lambadão e o salão começa a lotar. Um casal começa a dançar, em seguida, duas mulheres vão para o salão e depois outro casal se embala no ritmo tocado. Algumas mulheres movimentam bastante os quadris, de um lado para o outro, num vocabulário coreográfico que caracteriza a dança do lambadão, de forma não muito acelerada, quase de acordo com as batidas da música. Outras movimentam o quadril de forma mais discreta. As duas mulheres, que dançam juntas, movimentam bastante os quadris e chamam a atenção de quem está do lado de fora assistindo.

Enquanto isso, muitos frequentadores, em geral moradores do bairro, vão chegando. Alguns jovens chegam em grupos, aproximam-se do bar e ficam parados do lado de fora, olhando e conversando na rua. Outros vão sentar-se às mesas. Uns chegam de bicicleta com roupas despojadas: bermuda, camiseta, chinelo, boné. Um tipo de roupa recorrente nesse público é camisa de time de futebol: os times de massa da Grande Cuiabá (Mixto e Operário) e os nacionais, principalmente os quatro grandes cariocas (Vasco, Flamengo, Fluminense e Botafogo) e os quatro paulistas (São Paulo, Santos, Palmeiras e Corinthians).

As bicicletas, veículo muito utilizado na circulação interna dos bairros, ficam encostadas na calçada do bar enquanto as pessoas sentam-se à mesa. O bar caracteriza-se como lugar de encontrar conhecidos e amigos, que imediatamente chamam os que chegam para beber em companhia, conversar e dançar. Outros chegam de moto, sozinhos ou



acompanhados, vestidos de calça jeans, camiseta pólo, sapatos, estacionam a moto ao lado do muro próximo ao bar e vão procurar mesas para sentar.

As mesas estão constantemente ocupadas. Algumas são compostas por grupos de homens mais velhos, que juntos bebem, conversam, alguns fumam. Outras são compostas por famílias que vão se divertir. Um grupo que também se destaca é o de clientes que gostam de tomar cerveja em pé no balcão, enquanto outros ficam em volta do salão observando os casais a dançar.

Algumas pessoas passam, param e ficam do lado de fora, na rua, olhando o movimento no interior do bar e outros ficam alguns minutos e vão embora. O Aladim faz com que a rua do bairro tenha seu fluxo de pessoas intensificado. A noite avança, o salão continua lotado ao som do lambadão. O gênero já dispõe de canções que se tornaram *hits*, sendo constantemente tocadas em bares e bailes da cidade.

Às 20h30, o bar está completamente lotado. As garçonetes, que são três, além do proprietário, têm bastante trabalho, servindo as mesas. Das três garçonetes do domingo, duas são fixas e outra é contratada como *free-lance*, por conta do aumento do número de clientes nas domingueiras de lambadão. Embora tenha três ajudantes, o proprietário do bar continua com muito trabalho e ajuda a servir as mesas. A esposa do proprietário fica no atendimento e o rapaz que vende o popular “churrasquinho” no espeto também trabalha bastante, pois esse é o tira-gosto mais apreciado para acompanhar a cerveja em bares populares.

Nem mesmo o frio (raro em Cuiabá) no inverno seco, em dias de temperatura mais amena que o já conhecido calor da cidade, assusta os frequentadores da domingueira. Eles dançam para se esquentar, fazendo com que o salão esteja sempre lotado. Entre cerveja e música, o ambiente sugere ares de descontração típica dos domingos dançantes na periferia da cidade.

A música vai tocar até às 22 horas, obedecendo às normas da boa convivência urbana e segundo condições legais para manutenção do alvará de funcionamento fornecido pela Prefeitura Municipal. Nesse horário, chega ao final mais uma domingueira dançante,



ao ritmo principalmente de lambadão, dia em que muitas pessoas vão se distrair, conversar e dançar no bar Aladim.

Domingo, portanto, é o dia da semana de maior movimento num bar como o Aladim. O lazer produz uma demanda por novos postos de trabalho, ao passo que os outros dias da semana são de calmaria. O fato de haver música ao vivo no domingo faz com que se altere a rotina de muitos moradores das proximidades. Um técnico também é contratado para ajustar a mesa de som e colocar músicas nos intervalos da apresentação. A banda contratada recebe um cachê de R\$ 200 para tocar e animar o domingo no bairro. Dessa forma, o lazer acaba movimentando a microeconomia local.

O movimento diminui visivelmente no final de cada mês, quando o salário já está acabando e o próximo ainda não foi depositado na conta dos frequentadores, invariavelmente da classe trabalhadora que constitui um bairro como o Jardim Industriário II. O perfil socioeconômico dos frequentadores do bar é de classe C e D, que compreende um segmento que recebe um salário mínimo ou pouco mais, que é o caso de moradores da periferia. No começo do mês, em função do recebimento do salário, o número de pessoas no bar Aladim aumenta.

Com o passar de alguns anos, o proprietário começou a investir em melhorias no seu estabelecimento, pois, devido o grande aumento de frequentadores, o espaço já ficou pequeno para a demanda criada. A reforma no bar ocorreu aos poucos, sem comprometer o funcionamento do local. Na nova estrutura, foi construído um novo salão de dança, com o tamanho de 14m x 12m, sendo um espaço mais amplo e fechado, com piso, e ao seu redor 20 jogos de mesas. Um novo espaço de atendimento próximo ao salão também foi construído, onde estão dispostos geladeiras, copos, guloseimas como balas e bombons, além de salgados industrializados. Este novo espaço é utilizado somente aos domingos, pois facilita o atendimento aos clientes que vão ao bar em função da dança.

A parte antiga do bar funciona normalmente durante a semana e fica fechada na domingueira. Um equipamento de som novo foi comprado, pois o que se utilizava em 2009 no início das domingueiras era alugado. Também foi adquirida uma *jukebox*, conhecida como “máquina que toca música”, um atrativo a mais para os clientes que frequentam o



local durante a semana e aos sábados e acionam a máquina para ouvir suas músicas preferidas.

No período de fevereiro de 2013 a fevereiro de 2014, o bar ficou sob nova direção, devido seu antigo proprietário ter ido morar na Região Sul do Brasil. Nesse período, o funcionamento do local continuou. No entanto, a Domingueira Dançante não era mais realizada. Já em março de 2014, o bar novamente retornou com as domingueiras e sob a direção do antigo dono. Novas bandas foram contratadas para tocar no recinto como a “Pegada Quente”, composta por três rapazes, e a dupla denominada “Kláudio e Kauã”. As bandas se apresentam de maneira alternada, sendo uma a cada domingo. Esses músicos recebem um cachê melhor do que a banda de cinco anos atrás.

Essas duas bandas tocam os mais variados ritmos musicais como o sertanejo, rasqueado e o lambadão cuiabano, animando o fim de tarde e início de noite dos domingos. O lambadão atrai muitos casais ao salão ao tocarem as músicas antigas e as mais recentes. Com o grande movimento nesse retorno de domingueira, algumas mudanças ocorreram com relação ao quadro de funcionários, que aumentou, e atualmente está composto por uma funcionária registrada, dois seguranças e quatro garçons contratados aos domingos.

Segundo o proprietário, em entrevista concedida, as variações de frequência do público continuam as mesmas das domingueiras de anos atrás: o movimento é grande no início do mês e menor no final. Além disso, ele tem projetos futuros dependendo de como seguirá o retorno dos eventos. Caso tenha a mesma aceitação do público como anteriormente, a caracterização de lazer será mantida no bar, mas se o número de frequentadores for menor ou não gerar lucros, a domingueira poderá ser repensada como evento e fonte de renda.

Em 2015, esses projetos se concretizaram e novos empreendimentos surgiram como Kitnets e por isso a parte antiga do bar foi desativada, porém o bar continua funcionando normalmente, sendo utilizada agora a nova estrutura. Embora o salão de festa se localize na parte nova, devido aos novos inquilinos morarem bem próximo ao bar, as Domingueiras foram extintas.



Considerações Finais

O gênero musical do lambadão é bastante difundido na periferia e atrai muitas pessoas em bares localizados nessa região, além de ser uma opção de lazer. Esse gênero como atrativo musical do bar provocou uma mudança significativa na rotina do bairro, já que possibilitou a geração de novos postos de trabalho para as bandas, para os moradores que ali trabalham e para os pedreiros que fizeram a reforma do bar.

A reforma do bar ocorreu depois da grande movimentação de clientes que impulsionou o proprietário a fazer a transformação no local para atender à demanda que se mostrou alta pelas domingueiras. A transformação do local teve por consequência o fortalecimento e a consolidação do gênero musical do lambadão, de maneira abrangente na periferia cuiabana. O gênero também se expande para além dos bares, sendo tocado em festas de santo e casas de shows de modo a atrair grande público.

Ao menos em tese, o lambadão é o fenômeno cultural produzido na Baixada Cuiabana que mais se caracteriza pelo poder de aglutinar, de modo constante, multidões em torno do consumo de um gênero musical, tendo como singularidade o fato de ser uma invenção e produção local. Assim, o lambadão, inicialmente visto como algo marginal, hoje possui a imagem de uma cultura popular urbana na região de Cuiabá e na Baixada Cuiabana. Dessa forma, o lambadão torna-se apto a sair do entorno de Cuiabá e conquistar novos públicos, espaços e regiões que fogem de nossos arredores.

Referências Bibliográficas

Beltrão, Luiz, **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

CANCLINI, Nestor Garcia, **Cultura Híbridas: Estratégia para Entrar e Sair da modernidade**; Tradução Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora da universidade São Paulo, 2003.

CUIABÁ. Prefeitura Municipal de Cuiabá. **Perfil Socioeconômico de Cuiabá Vol. III**. Instituto de Planejamento Urbano de Cuiabá, julho de 2007. Disponível em http://www.cuiaba.mt.gov.br/upload/arquivo/perfil_socioeconomico_de_cuiaba_Vol_III.pdf>. Acesso em 23 de março de 2015



DURHAM, Eunice Ribeiro, **A sociedade vista da periferia**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_01/rbcs01_07.htm> Acesso em 23 de março de 2015.

GUSHIKEN, Yuji. **Visão ritualística e Folkcomunicação: modelos teóricos na abrangência do campo comunicacional**. New Orleans :Colóquio Brasil – EUA de Ciências da Comunicação, realizado de 24ª 25 de março de 2008, pela Intercom, 2008.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às medições: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

VIANA, Hermano, **Manifesto de Hermano**. Revista Raiz , 02 de janeiro de 2007. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2007/01/02/manifesto-de-hermano-entrevista-com-hermano-vianna/>>. Acesso em 23 de março de 2015.